O que pode a vida? A resistência ao biopoder¹

Ursino Neto

“O que era então a vida? (...)
Não era nem matéria nem espírito.
Era qualquer coisa entre os dois,
um fenômeno sustentado pela matéria,
tal e qual o arco-íris sobre a queda d’água,
e igual à chama. (...)
Coisa que se chamava carne
e se convertia em forma,
em imagem sublime, mas ao mesmo tempo,
era o princípio da sensualidade e do desejo”.
(Thomas Mann)

“A força do tempo é o que aumenta ou diminui
o poder da vida”.
(Gilles Deleuze)

SUMÁRIO

- 1 Considerações preliminares
- 2 O que pode a vida? A vida tem o seu próprio valor
- 3 A resistência ao biopoder
- 4 Considerações finais
 - 4.1 As implicações da pesquisa para a *ética-da-vida* ou *aionética*

1 Considerações preliminares

Quando o tema é a vida, a questão essencial não é defini-la com o rigor de um conceito científico necessário, preciso, absoluto, universal.

Talvez, o suficiente para expressar o que nos define como vida humana esteja na linguagem poética da literatura, como encontrada em *Montanha Mágica* de Thomas Mann, destacada na epígrafe.

O objetivo deste texto didático é explorar, investigar, pesquisar a relação entre a vida e o biopoder para compreender e ultrapassar o modelo da nossa forma de vida hoje.

Imediatamente, da perspectiva do senso comum, se compreende o biopoder como um domínio, um comando, um poder sobre a vida.

Michel Foucault, inventor do termo biopoder, o conceitua e o associa à estratégia política oriunda da eclosão do Estado na Idade Moderna.

¹ Texto didático para a Equipe VII (graduação 2020.2), uma referência para produzir um *exercício de experiência ética*.

O filósofo francês o define como um dispositivo da “governamentalidade” que faz funcionar a “maquinaria estatal”, atendendo historicamente aos interesses do capitalismo, agindo, principalmente, por meio do saber da medicina sobre o corpo e sobre a população.

Entretanto, é preciso sublinhar, na análise foucaultiana, também um sentido positivo detectado no processo de ação do biopoder sobre o indivíduo e a sociedade; pois, ao mesmo tempo, quando se impõe uma norma instalando um constrangimento e um limite, também se oportuniza uma emulação, por intermédio do saber intrínseco que gera mobilização, contraponto, resistência e promove a liberdade.

Tal concepção é a referência que nos possibilita afirmar a *ética-da-vida* ou *aionética* como uma *bioética de resistência*.

A partir da crítica à configuração aviltante da subjetividade humana determinada pela subjugação e o seu contraponto investido na atitude de resistência do indivíduo no processo de produção da sua *forma-de-vida*, projetamos o *exercício de experiência ética* (relativo ao *Ethos*) como uma *invenção de si*.

2 O que pode a vida? A vida tem o seu próprio valor

Este questionamento e a indicação da resposta se referem à possibilidade, à potência ou à capacidade intrínseca da vida funcionar, operar na existência concreta do ser humano.

Toda vida humana está inserida em uma cultura.

A moral é o principal dispositivo político e cultural do biopoder que age sobre a vida atribuindo-lhe um *valor* (significado e sentido).

A moral oriunda de várias fontes tradicionais (por exemplo: educação, filosofia, religião, ciência, política) é a responsável por restringir, cercear o valor da vida, projetando o seu sentido na cultura ocidental como uma forma de vida subjugada causando o assujeitamento² do homem.

Nesse contexto, a pesquisa parte do seguinte problema:

É possível a própria vida ser uma fonte originária de valor capaz da contraposição ao dispositivo moral que tenta torná-la submissa?

Resguardando os limites de um texto didático, aqui serão apresentadas somente quatro contribuições intelectuais empenhadas em interpretar o conceito de vida introduzindo nele um princípio intrínseco de valor, implicando a resistência e a superação da impostura moral.

Primeira contribuição: Benedictus Espinosa (1632-1677).

A partir do século XVI, o enfrentamento entre a tradição moral da Igreja e a filosofia se torna veemente e nele sobressalta Baruch, Bento ou Benedictus Espinosa, o príncipe dos filósofos³.

Para ele, toda a realidade era constituída de um único ser, de uma única substância. Em suas próprias palavras em latim: *Deus sive Natura* (Deus, ou seja: a Natureza).

Espinosa apresentou uma nova concepção da temática ao escrever um livro denominado de *Ética* em que expunha a sua firme posição contrária à dicotomia corpo *versus* mente.

² Tradução do francês *assujettissement*, significando “assujeitamento”, “subjugação”, “sujeição”.

³ Cf. DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

Na sua análise, corpo e mente constituíam uma unidade conjugada por um afeto, uma força de perseverar, denominada de *conatus*.

O médico António Damásio (contemporâneo), professor de neurologia nos EUA, referência mundial em neurociências, destacou Espinosa e o atualizou ao associar o termo dele *conatus* ao conceito de homeostase:

“A tentativa contínua de alcançar um estado de vida regulado positivamente é um aspecto definidor da nossa existência, como dizia Espinosa quando se referia ao inquebrantável comportamento de cada ser para preservar a si mesmo”⁴.

Segunda contribuição: Friedrich Nietzsche (1844-1900).

A partir do século XIX ocorreu uma inflexão decisiva no tema quando eclodiu um movimento cujas implicações exigiram e redefiniram outra trilha para interpretar o significado de vida.

Aquele acontecimento da cultura europeia é embrionário de um sentimento observado com perspicácia na literatura russa de Ivan Turgeneiev em *Pais e filhos*⁵ sendo denominado de *niilismo* e magistralmente sintetizado em uma frase-hipótese proveniente do seu compatriota Fiódor Dostoiévski em *Os irmãos Karamázov*: “Se Deus está morto; então, tudo é permitido”.

Para Friedrich Nietzsche, aquilo que se expressava na fórmula “Deus está morto” era a principal característica do *niilismo* que fazia sucumbir a moral tradicional e os seus valores estabelecidos como absolutos, com isso perdendo a sua autoridade suprema de regulação sobre a vida.

Em obra póstuma, *A vontade de poder*⁶, o filósofo alemão escreveu: “A vida não é adaptação de condições internas a externas, mas sim vontade de poder [vontade de potência], a qual, a partir de dentro, submete-se a si e incorpora cada vez mais “exterior””.

Daqui se deriva a referência estabelecendo o valor (significado e sentido) como *algo* constituinte da própria natureza da vida.

Terceira contribuição: Georges Canguilhem (1904-1995).

No livro *O normal e o patológico*⁷, o filósofo e médico francês Georges Canguilhem produz uma filosofia da biologia.

Lá se concebe o conceito de *normatividade vital* tendo como fonte de inspiração o pensamento nietzschiano.

Para Canguilhem, a vida tem uma marca primária, uma norma que antecede qualquer valor atribuído por outrem.

Aqui cabe a interrogação: que norma é essa?

Trata-se do que se denomina de *vontade de potência*, pois é algo que faz a vida evoluir, crescer e se diversificar.

Então, o normal para a vida consistirá em sua normatividade própria; isto é, a capacidade de adaptação, de variação do seu corpo às mudanças circunstanciais do meio interno e externo.

⁴ Cf. DAMÁSIO, AR. *A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 48.

⁵ Neste livro se encontra um personagem típico do exemplo de caricatura moral do cientista ortodoxo.

⁶ Para melhor entendimento do conceito, a tradução mais adequada para o português seria “vontade de potência”.

⁷ Cf. CANGUILHEM, G. *O Normal e o Patológico*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

O organismo vivo instaura a constituição de si próprio sempre com novas normas porque não é um ente fixo, imóvel, imutável.

Assim, para o ser vivo, a sua norma característica original ou autêntica está intrínseca, já pertence a ele antes de qualquer “conscientização subjetiva do valor”.

Em suma, a vida não é simplesmente uma adaptação das condições internas ao meio ambiente, mas uma *força interna* que, como uma *potência* dentro de *si mesmo*, tem a capacidade de incorporar uma parcela cada vez maior do exterior em um processo articulado de intensificação e de crescimento de si próprio.

Esta energia será denominada aqui de *biopotência*.

Quarta contribuição: Dina Czeresnia (contemporânea).

Seguindo o roteiro de Nietzsche e Canguilhem, se agrega a pesquisadora da Fiocruz e médica brasileira Dina Czeresnia⁸ quando afirma que, em sua forma elementar, a vida é uma condição de discernimento entre possibilidades.

Em outras palavras, ao crescer e se desenvolver, o ser vivo não se torna outro, mas mantém o modo de ser como possibilidade.

A liberdade de escolher aquilo que faz a vida perseverar é uma evanescente fronteira movediça entre o *ser* e o *possível*.

O vivente tem a potência de constituir ou não o outro em si mesmo com o fim de se nutrir, crescer, evolucionar.

É necessário interpretar a vida não como uma expressão ontológica estática porque ela é ao mesmo tempo dimensão do *ser* e do *dever*.

A vida sendo um *e*, existe como uma relação entre algo que a constitui como um fluxo.

O *entre* é tempo. Eis o pensamento esclarecedor do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) também colocado na epígrafe.

Para nós, a *vida* é *ser e tempo* desde a primeira célula.

A síntese em uma frase: a vida é um contínuo *e, e, e ...*

Portanto, o conceito contrário à vida não é a morte. Esta é simplesmente o registro que finda um aspecto da vida: o nascimento.

3 A resistência ao biopoder

É necessário destacar que Michel Foucault não ficou somente na análise do aspecto negativo do biopoder como uma expressão de fonte coercitiva porque todo poder se congemma com um saber.

Para ele, as relações de poder condicionam, estruturam, formatam a subjetividade humana⁹. Contudo, há nestas relações dois movimentos entrelaçados:

O primeiro, um componente de coerção, um fator de amoldamento; porém, há também um segundo de produção afirmativa possibilitando um constituinte inventivo potencializando a vida humana, pois é intrínseco ao saber.

Logo, dentro da própria rede do biopoder há resistência.

Ela tem início com a crítica à captura da nossa forma de vida, do nosso modo de ser frente àquilo que nos faz um molde formatado pelo dispositivo moral.

⁸ Cf. CZERESNIA, D. *Categoria vida: reflexões para uma nova biologia*. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.

⁹ Cf. HEYES, CJ. *Subjetividade e poder in* Dianna Taylor (ed.) *Michel Foucault: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018.

Criticar é questionar a possibilidade efetiva de determinada condição ou fenômeno existencial, gerando o saber resistente por intermédio da problematização da experiência vivenciada.

Em outras palavras, criticar aquilo que é determinado, estabelecido institucionalmente como verdade, incidindo sobre o que se sabe e sobre o que se faz.

Assim sendo, *resistir é problematizar* o assujeitamento imposto pelo biopoder.

Como se poderá resistir?

Segundo Frédéric Gros¹⁰, produzindo uma “democracia crítica”.

Trata-se de um ato resistente referenciado pelo princípio da justiça, exigindo o questionamento da política, da gestão pública, e formando um coletivo crítico almejando constituir um “si político”, superando o “eu individual do político tradicional”.

O autor analisa com propriedade a diferença entre os conceitos de “desobediência civil” e de “dissidência”, também chamada de “objeção de consciência”.

A primeira supõe a organização de um coletivo estruturado por regras determinadas de resistência, um credo comum, ordenado para um objetivo político preciso: em geral, a revogação de uma lei ou de um decreto considerados injustos ou intoleráveis.

A dissidência ou objeção de consciência é quando um indivíduo isolado assume o risco de denunciar as falhas de uma instituição, a ignomínia de um sistema etc.

Historicamente, é possível identificar no posicionamento de Sócrates, na sua problematização do “exame da própria vida” ou do “cuidado com a própria alma”, a resistência originária exercida pelo saber que hoje se denomina de ética a partir da relação do indivíduo com ele mesmo, ou seja, do “cuidar de si”.

Portanto, Sócrates foi o primeiro dissidente ético enfrentando a morte para defender os seus princípios de vida.

Em suma, o biopoder é um *poder-saber* que se instala como “verdade” reproduzindo na sociedade um modelo moral de normatização e normalização. Ele designa o poder de controle sobre o homem como ser vivente, incidindo sobre a sua forma de viver, encarcerando o seu modo de ser, o seu *Ethos*.

Contudo, não se olvide de compreendê-lo como uma condição em permanente inquietude: de um lado, há a imposição, o assujeitamento; mas, do outro, há a resistência criando possibilidades de emancipação com os saberes que propiciam a eclosão de novas *formas-de-vida* do homem.

4 Considerações finais

Esta pesquisa, respeitando os limites de um texto didático, teve a intenção de investigar a relação entre a vida e o biopoder para compreender e ultrapassar o modelo contemporâneo da nossa forma de vida.

Identificou-se a moral tradicional oriunda de várias fontes (educação, filosofia, religião, ciência, política etc.) como responsável por restringir, cercear o valor da vida, projetando o seu significado e sentido na cultura ocidental como uma forma de vida submissa.

¹⁰ Cf. GROS, F. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

A hipótese inicial da investigação explorava a possibilidade do caráter próprio da vida ser uma fonte originária de valor intrínseco.

Ao final do estudo, se coloca uma tese: para a vida, o valor é uma condição da sua própria natureza. Em outras palavras, o conceito de normatividade vital afirma o valor como algo inerente ao ser biológico.

Assim, se atinge outro patamar para interpretar o conceito de vida como uma força do organismo, uma exigência fisiológica ligada ao caráter da sua própria forma, com isso agregando-lhe uma nova perspectiva de valor.

Aqui se considera a vida conquistando a sua forma por intermédio de processos como apropriação, agressão ou incorporação característicos do vivente enquanto função orgânica elementar.

A implicação dessa dinâmica vital expressa o conceito *vontade de potência* ou *vontade da própria vida*.

Esta descoberta torna compreensível o antagonismo, o conflito que se põe entre a vida e o campo da moral com os seus códigos, regras, normas etc. porque tais determinações negam as possibilidades próprias da vida quando “fixam e impõem valores soberanos” a ela.

Portanto, agora se desvela o que as representações tradicionais da religião, da ciência, da educação, da política e da própria filosofia ocultavam: os seus dispositivos morais impõem à vida um valor regulatório de submissão aos seus interesses.

A partir disso, se torna possível a ultrapassagem da relação de subserviência da vida frente a moral, implicando a perspectiva de resistência, de linha de fuga ou de liberdade por intermédio de sua própria potência: a biopotência.

Aqui se registra um derradeiro problema: qual é o saber inerente a este poder? O saber como sabedoria.

A vida é um conjunto de experimentações, de experiências que o homem vivencia adquirindo sabedoria para produzir a sua forma-de-vida.

A vida vive, acontece. Para o ser humano, é necessário celebrá-la e viver de tal modo que o valor dela não seja outro senão o seu movimento intrínseco, pois é justamente este acontecimento o *algo* que significa e dá sentido a ela própria.

4.1 As implicações da pesquisa para o saber da *ética-da-vida* ou *aionética*

A primeira é a superação do modelo de *forma de vida* tradicional do *bíos*.

Ao esclarecer e desvelar o fenômeno vital por intermédio da interpretação do conceito de *vontade de potência* se produz e se inventa uma nova forma de vida expressando-a na linguagem com a grafia hifenizada: *forma-de-vida*.

É necessário afirmar: a vida não pode ser reduzida e nem prescrita por sua condição biológica específica.

Como escreveu o filósofo italiano Giorgio Agamben (contemporâneo): “os modos singulares, atos e processos do viver nunca são simplesmente *atos*, mas sempre e primeiramente *possibilidade* de vida, (...) potência.”¹¹

Ao poder sobre a vida do biopoder, se responde com o *poder-da-vida*: a *biopotência*, isto é, a potência “política” da vida¹² na medida em que ela faz variar suas formas e inventa suas próprias dimensões de expressão.

¹¹ AGAMBEN, G. *Meios sem fim: notas sobre a política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p.14.

¹² PELBART, PP. *Vida Capital: Ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

A vida humana por mais simples, repetida e até mesmo “socialmente imposta”, conserva sempre o caráter de uma resistência, isto é, coloca em jogo o próprio viver.

Há sempre possibilidade de vida, é forçoso acreditar na capacidade vital dos seres humanos enquanto seres viventes modelando a sua própria *forma-de-vida*.

A segunda implicação é o desmascaramento da relação entre a moral e a vida. Isto possibilita à *aionética* resistir ao biopoder com uma estratégia - o *exercício de experiência ética* do PensArteCorpo - oriunda da sabedoria de vida que ultrapassa os dispositivos estabelecidos pela moral e supera o molde que nos captura e nos encarcera no presente.

E a terceira é o desafio que se exige ao recusar o modelo tradicional da verdade metafísica para construir ou, melhor, inventar um novo critério de referência para o valor da vida.

O valor da vida para o ser humano é um *quantum* de potência que se produz como *intensidade*, como *vontade de excelência*, como um êmulo de *devir*, como uma *invenção de si*, capacitando-o para ultrapassar os sentimentos da carga moral pesada, nociva que nos molda na figura nietzschiana do camelo.

Para nós, o empreendimento ético para o século XXI é articular a transversalidade dos vários saberes culturais em busca de compreender e justificar a *vida humana* como uma complexa unidade de *corpo*, de *mente*, de *emoções*, de *sentimentos*, de *memória*, de *consciência*, de *linguagem*, de *sociabilidade*, de *criatividade* etc.

O projeto da *ética-da-vida* ou *aionética* para o *além-homem* é viver e celebrar a vida na imanência como uma nova figura: o *torna-se o que se é* ou a *invenção do ser criança* de Nietzsche.